

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Marciclene de Freitas Ribeiro Junqueira¹ Pedro Humberto Faria Campos²

1-Doutoranda da Pós Graduação em Ciências da Saúde da UFG, Mestre em Psicologia, Professora da Universidade Estadual de Goiás, Professora convidada da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Funcionária da Secretaria de Cidadania e Trabalho do Estado de Goiás – Centro Estadual de Apoio ao Deficiente, secretária da Associação Brasileira de Ensino e Psicologia – Região Goiás, Goiânia – Goiás - Brasil

2- Mestre em Psicologia Social (DEA)- Universite de Provence, Mestre em Educação (UFG) Doutor em Psicologia Social - Universite de Provence .Pesquisador do Núcleo de Estudos psicossomáticos – PUC – GO, da Representações Sociais e Práticas Educativas – UNESA, Violência e Civilização – UFG – GO, Professor da Pós Graduação em Psicologia – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Colaboradoras:

Dr^a. Kátia Barbosa Macedo – PUC – GO

Dra^a. Dalva Maria Borges de Lima Dias de Souza - UFG - GO

RESUMO

Partindo de entrevistas semi-estruturadas, o presente trabalho pretende dar a conhecer o conteúdo das representações sociais da violência doméstica praticada por familiares em seus adolescentes, além de apontar a influência dessa violência no contexto social como decorrência inevitável da banalização do uso da droga. Dois grupos são considerados neste estudo: o Grupo 1, constituído por 21 familiares (responsáveis e irmãos) de adolescentes matriculados em uma escola pública de Goiânia, e o Grupo 2, composto por 17 familiares cujos adolescentes recebem acompanhamento do Conselho Tutelar da região Norte de Goiânia. Os resultados indicam que membros do Grupo 1 - avós e irmãos – vêem a violência como algo inerente ao cotidiano da sociedade atual, ligada aos problemas da convivência familiar, enquanto os pais pertencentes a esse grupo vêem a violência como um fenômeno da adolescência. As más condições de trabalho são invocadas para justificar a carência de acompanhamento familiar que se evidencia no processo educativo além do que, percebem a escola como elemento positivo capaz de auxiliar na prevenção à violência doméstica. Alunos de frequência esporádica são considerados como descompromissados com a educação, sujeitos de atos de violência contra outros alunos, contra professores e contra funcionários da escola. Já no Grupo 2 é reforçada a idéia do tráfico de drogas, depredações, culminando com ameaças de morte e, às vezes, com morte. A escola, para esse grupo, é vista como invasiva. No Grupo 2, familiares do Conselho Tutelar – associam a violência ao próprio fenômeno da adolescência e à falta de religião que pauta a vida dos adolescentes. Nota-se que os sujeitos masculinos deste grupo consideram a violência como inerente ao processo educativo do

adolescente, enquanto os sujeitos femininos associam a dificuldade de educar os filhos à delinquência. Tanto o Grupo 1, quanto o Grupo 2, consideram os adolescentes a população mais passível de violência na sociedade, com reais probabilidades de assassinato, em razão de freqüentarem locais perigosos e estarem expostos à situações que podem culminar em brigas entre grupos, assaltos, tiroteios, prisões e morte, além de habitarem locais que naturalmente, já são considerados áreas de risco. Em ambos os grupos há aversão à violência apenas quando termina em morte, especialmente se a ação é cometida pelo adolescente contra o responsável, ou responsáveis, ou se o sujeito da ação é o responsável contra o adolescente. Os dois grupos consideram grave o abuso sexual praticado por adultos – inclusive pais e padrastos de adolescentes - contra adolescentes, ou destes contra crianças. Finalmente, ambos os grupos acordam que a população mais sujeita à violência doméstica são as mulheres e as crianças, seguidas pelos adolescentes e que os maiores responsáveis pelos atos de violência são os sujeitos do sexo masculino. Concordam, como conseqüência, que a banalização da violência passa pelo uso de drogas, em suas diversas manifestações.

THE SOCIAL REPRESENTATION OF THE DOMESTIC VIOLENCE AGAINST CHILDREN IS ADOLESCENT

ABSTRACT

From semi-structured interviews, this work intends to inform about the content of social representation of housing violence practiced by the family against their teenagers. Besides showing the influence of this violence at the social context, as an inevitable reason to tritely refer to the drugs consuming. Two groups were taken in account in this research: Group 1 is constituted by 21 teenager folks (guardian or brothers), enrolled at a public school in Goiânia. Group 2, is formed by 17 teenager folks, whose teenagers are attended by a Tutorial Counseling from the north side of the town. The results indicated that members from Group 1 – grandparents and brothers – see the violence as a daily consequence of the topical society, linked up to the family problems. While the parents, who belong to this Group, see the violence as an adolescence phenomenon. The bad conditions of working are invoked to justify the missing of familiar attending that shows up in the educational process, beyond their ability to notice the school as a positive element, capable to help on prevention of housing violence. The student who doesn't attend classes very often is considered as relapse with education, responsible for violent behavior with other students, teachers and employees. On group 2, is reinforced the idea of the drugs traffic, vandalize, along with death menace and, sometimes, with the own death. The school, for this group is taken as invasive. Folks from the Tutorial Counseling associate the violence to the adolescence and the religion abstention, because normally it helps teenagers figure out their bounds .We can notice that the male part of this group consider the violence as a characteristic from teenager's educational process, while the female part associate some difficulties to educate their kids to delinquency. Both groups, agree that teens are the biggest part of population vulnerable to violence, with concrete possibilities of being murdered due attending dangerous places, being exposed to all kinds of risky situations, just like murdering, shootings, death... beyond their own neighborhood, already

judged as a suspect area. They either agree to dislike violence only when it comes along with death, especially if the action is made by a teen against his guardians or vice-versa. The other point they still have the same opinion about, is the aversion to sexual abuse against children and teens made by folks.

INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste estudo foi de conhecer as representações sociais de violência doméstica em famílias de adolescentes de uma escola pública da região norte da Cidade de Goiânia e em famílias que foram denunciadas por violência doméstica no Conselho Tutelar da Região Norte da Cidade de Goiânia.

Esta pesquisa pretendeu contribuir para a construção do conhecimento acerca do fenômeno da violência na visão dos familiares, inclusive dos idosos.

A Violência: Aspectos Sociais

Para VELHO (1996) a consideração apenas da pobreza de forma segregada, não é suficientemente forte para justificar a deterioração dos referenciais éticos que mantêm as interações entre pessoas e grupos. A violência é associada à uma idéia de poder. A própria noção de "outro", o reconhecimento da diferença é a base da vida em sociedade, uma vez que esta se comprova mediante as dinâmicas sociais.

Pode-se dizer que, na atualidade, o mundo assiste a uma escalada da violência. A designação de um comportamento como violento reporta-se às normas, uma vez que a violência é entendida a partir de normas estabelecidas. Da mesma maneira que existe uma diversidade de normas, regras e leis, existe também uma diversidade de violência.

Algumas pesquisas dentre estas, as realizadas por CAMPOS (2000) menciona que na sociedade evidencia-se uma mudança cultural em relação à violência. Para ele existe uma tendência a banalização da violência, evidenciada por uma disposição cultural a considerar os fenômenos de violência explícita e os (atos agressivos) como sendo não somente frequentes, mas banais.

Outros autores realizaram estudos sobre a banalização. Um deles, DEJOURS (2001) afirma que antes do problema da banalização do mal, devemos considerar o da banalização, isto é, do processo graças ao qual processo um comportamento excepcional, habitualmente reprimido pela ação e o comportamento da maioria, pode erigir-se em norma de conduta ou mesmo em valor. As pesquisas de LUCINDA, NASCIMENTO & CANDAU (1999) ressaltam que a naturalização de comportamentos violentos pela cultura de massa, reforça a banalização da violência.

Violência doméstica

A violência no presente estudo foi entendida como um conjunto de atitudes invisíveis ou evidentes que permeiam as relações entre as pessoas, estabelecendo formas de convivência e aprendizado.

Segundo ADORNO & HORKHEIMER (1978) a própria humanidade não possui um grau de autonomia. Os autores salientam que a família precisa exercer a sua função protetora e mantenedora de padrões institucionais.

Segundo AZEVEDO (1993) a família é o lugar onde se forma a estrutura psíquica, uma vez que constitui um espaço social distinto, uma vez que gera e consubstancia hierarquias de idade e de sexo.

Para GUERRA (1985), a violência doméstica é a utilização da força física contra a criança e adolescente, de forma não acidental e sim intencional, repercutindo em diversos tipos de ferimentos e é realizada por pai ou padrasto, mãe ou madrasta. A violência tem sido estudada por vários pesquisadores.

Consideraremos nesse estudo a violência contra crianças e adolescentes como a referenciada por RODRIGUES & CARVALHO (1998) que cita que essa forma de violência é expressa sob diferentes facetas, englobando a não satisfação de necessidades essenciais, a que eles intitulam de violência social; a não implantação prática das disposições legais que asseguram os direitos fundamentais a que eles intitulam de violência legal; a violência psicológica; a violência sexual; a violência física e a negligência.

As vítimas da violência são provenientes de todos os setores da vida, de todas as classes sociais, de todas as idades e de qualquer religião. Trazem consigo sentimentos de impotência, isolamento, culpa, temor e vingança. Há no pensamento das vítimas, o medo de que a violência ocorra novamente.

O abuso quando realizado no contexto doméstico toma múltiplas formas, como o abuso físico, emocional, sexual, verbal, isolamento social e destruição de animais domésticos.

Segundo ALMEIDA, CAMPOS & RIBEIRO (2001) os maus tratos emocionais acarretam prejuízos de ordem psicológica e são ainda prejudiciais, assim como os maus tratos físicos. “Os maus tratos podem ser caracterizados por... comportamentos passivos e ou de omissão, que... podem influenciar no desenvolvimento da criança” (p. 565).

Considera-se que o mau trato social é caracterizado por atitudes passivas ou omissão, que podem interferir no desenvolvimento da criança e adolescente (IMACH, 1999).

Entende-se que a negligência pode ser conceituada por dificuldades vividas pela criança, vinculada às condutas, atitudes dos pais ou adultos responsáveis, que possam ameaçar o desenvolvimento destas mesmas crianças. A negligência pode ser física ou afetiva.

No presente estudo entende-se por abandono a ausência temporária dos pais, expondo o adolescente à situação de risco, e por abandono total, o afastamento do grupo familiar, ficando os adolescentes expostos a várias formas de perigo.

Considera-se a omissão como o ato de não conhecer, não se inteirar, não participar do processo de demanda das necessidades internas, de conteúdos inerentes à vida afetiva do adolescente.

Pode-se destacar, ainda, outra forma de abuso que é a utilização da mão-de-obra infantil, ou seja, a utilização da força de trabalho infantil como trabalho produtivo, no lugar da educação para o trabalho. Segundo FALEIROS (1987) trata-se de um tipo de superexploração do trabalhador, uma vez que estes ainda não estão em condições de reagir, organizar-se e reivindicar seus direitos.

Outra forma de violência, citada por AZEVEDO apud GUERRA (1993) é a denominada de infância fracassada, em que é incluída a clientela vítima de exclusão escolar, ocasionada pela dificuldade do acesso à escola, pela repetência escolar, ou mesmo pela evasão escolar, destacam também a infância vitimizada, caracterizada como o universo de crianças vítimas da violência praticada no ambiente doméstico. Enquadram-se aqui a negligência, o abuso sexual, os maus tratos físicos e a violência psicológica.

Para SAFFIOTI (1988) a negligência no cuidado de crianças, assim como os maus tratos a elas infligidos e a exploração sexual que a elas é imposta, consagram-se como fenômenos marcantes, que os adultos tentam camuflar. A negligência é caracterizada pela falta de interesse ou de cuidado dos responsáveis pelos filhos.

Para LIZO (1986) a criança torna-se alvo de agressividade dos adultos (que dela cuidam) por ser um alvo frágil, que, segundo ele, não tem agilidade física para revidar a agressão recebida por parte dos adultos.

Na compreensão dos fenômenos da violência, SAFFIOTI (1988) ressalta que se deve atentar para a síndrome do pequeno poder, onde o agressor detém pequenas parcelas de poder sem deixar de aspirar ao grande poder. Pode-se estender também à discriminação de raça, cor e classe social e perpetuar num círculo vicioso, em que assim como na macro sociedade, a violência gera violência.

LABRIN (1998) retrata outros aspectos com referência à violência. Mediante trabalhos de acompanhamento aos familiares de pessoas vítimas de violência, evidenciou como causa da intensidade do sofrimento demonstrado pelas pessoas, as experiências traumáticas de perseguição, cárcere, tortura e exílio; as situações em que se verificou violência mais nítida, foram aquelas em que ocorreram maior violação e tortura, inclusive a sexual, na infância das vítimas.

A família, a partir da criação do Estatuto da criança e adolescente, passou a ser considerada como fonte principal de conquista, manutenção e concretização dos direitos fundamentais. Mesmo com tal exigência de educação familiar: atuante e próxima da criança e do adolescente, evidenciou-se por parte de uma parcela dos familiares, cotidianamente, um comportamento de omissão.

Representação Social da Violência Doméstica, um Estudo Empírico

O primeiro grupo foi constituído de 10 famílias de adolescentes, alunos da 4ª série de Escola Pública. Foram entrevistados 21 sujeitos, sendo cinco do sexo masculino e 16 do sexo feminino com idades variando entre 14 e 56 anos, na época da coleta. Quanto ao grau de parentesco, tem-se: 10 pais, cinco irmãos, quatro avós e dois tios. Com relação à escolaridade: cinco são analfabetos, 12 cursaram até a 4ª série, três cursaram da 5ª a 8ª do ensino fundamental e um dos sujeitos cursou até o primeiro ano do ensino médio.

Por outro lado, o segundo grupo foi composto de 10 famílias de adolescentes, acompanhados pelo Conselho Tutelar da Região Norte da cidade de Goiânia, em virtude de denúncias por violência doméstica. Foram entrevistados 17 sujeitos, sendo seis do sexo masculino e 11 do sexo feminino, com idade variando entre 15 e 62 anos. Quanto ao grau de parentesco, tem-se: seis pais, três irmãos, cinco avós e três tios. No tocante à escolaridade:

cinco são analfabetos, nove cursaram até a 4ª série do ensino fundamental; dois cursaram da 5ª a 8ª série, e um dos sujeitos cursou até a terceira série do ensino médio.

Descrição do bairro

A primeira etapa da pesquisa foi desenvolvida no Bairro São Carlos e Bairro da Vitória, da Cidade de Goiânia. A segunda etapa deste estudo foi desenvolvida na região atendida pelo Conselho Tutelar da Região Norte da cidade de Goiânia.

O campo da pesquisa

A primeira etapa da pesquisa foi realizada com familiares de alunos da 4ª série do ensino fundamental de Escola Pública situada no Bairro São Carlos, na cidade de Goiânia (Goiás). Os alunos foram selecionados por estarem na quarta série, e pertencerem à faixa etária de 10 a 16 anos, população alvo dessa pesquisa.

A segunda etapa da pesquisa foi realizada com famílias de adolescentes acompanhados pelo Conselho Tutelar da Região Norte de Goiânia. A escolha dessa população ocorreu em virtude das denúncias de violência doméstica nessa região serem bastante significativas se comparadas com as de outros conselhos, e por ser esse Conselho, o responsável pelo acompanhamento às famílias do Bairro São Carlos e Bairro da Vitória da cidade de Goiânia-GO, local de realização da primeira etapa do presente estudo. A pesquisa foi realizada com a autorização do Juizado da Infância e Juventude.

Instrumento

O instrumento utilizado foi uma entrevista semi-estruturada, com os seguintes eixos temáticos:

a família; a educação de filhos adolescentes; o papel dos pais na educação; a violência na família se existe violência na família; as diversas formas de corrigir os filhos; os relacionamentos no meio do grupo familiar;

a escola; a violência na escola;

a violência na sociedade; a vizinhança;

os equipamentos sociais (serviço público, serviço de saúde, serviço policial, creches, escolas), etc.

As entrevistas realizaram-se entre os meses de dezembro de 2001 a janeiro de 2002, no tempo médio de 60 minutos. As entrevistas foram realizadas nas casas das famílias, em ambas as etapas da pesquisa, o procedimento de coleta de dados foi semelhante.

Análise dos dados

Para o procedimento de análise dos dados coletados pela entrevista, utilizou-se o software de análise lexográfica de dados textuais denominado *ALCESTE (Analyse Lexicale par Contexte d'un Ensemble de Segment de Texte)*. Essa análise torna-se possível uma projeção das palavras analisadas

em um plano fatorial, que considera também as variáveis suplementares como por exemplo, grau de parentesco, sexo, escolaridade.

Posteriormente a análise, fez - se uma segunda etapa, utilizando-se o software *ALCESTE* e cada grupo de sujeitos é analisado separadamente, com o intuito de identificar as características, as possíveis diferenças e a forma como os sujeitos pertencentes a cada grupo organizam internamente as representações sociais da violência doméstica.

Resultados e discussão

Os resultados obtidos com o auxílio do software *ALCESTE* permitiram uma compreensão dos conteúdos e da organização das representações sociais de violência doméstica, e se apresentam nos seguintes níveis de análise:

a) no primeiro nível busca-se explicitar o campo comum das representações sociais desses sujeitos.

1º Nível: O campo comum das representações sociais sobre a violência doméstica das famílias de adolescentes da escola pública

A partir da análise de classificação hierárquica descendente, buscou-se dar ênfase ao conteúdo e à estrutura das representações sociais sobre a violência doméstica.

A partir da análise textual com o auxílio do software *ALCESTE*, das produções dos sujeitos, reconstruiu-se o discurso coletivo. Também se recorreu aos enunciados dos sujeitos para uma melhor compreensão do contexto em que as classes estavam inseridas, para se ter assim, acesso ao contexto semântico, que poderiam indicar as representações sociais.

A análise do corpus total obtido a partir das entrevistas, revelou a existência de dois blocos.

A seleção das palavras que compõem as classes foi realizada levando em consideração a frequência e o percentual de distribuição de cada palavra em cada classe, considerando os X^2 encontrados.

GRUPO DE FAMILIARES DE ALUNOS DA ESCOLA PÚBLICA

O discurso dos sujeitos revela que existe violência na sociedade. Acentuam que a ação da polícia é constante, na prevenção e controle da violência, mas que em alguns casos, têm muita dificuldade para conseguir atingir o controle de roubos e assaltos nas cidades.

No que se refere à violência no bairro, os sujeitos relatam que participaram de cenas de mortes de crianças, em virtude de conflitos entre adultos.

Relatam ocasiões de trabalho em que tiveram que trabalhar como se fossem adultos, ocasionando a exploração do trabalho infantil. Mesmo frente a essas dificuldades, os sujeitos consideram tal situação positiva para o processo de amadurecimento.

Revelam ainda as relações entre alunos, entre alunos e professores e entre alunos e diretores. Apontando a necessidade de compreender a vida dos adolescentes de forma tão abrangente que considere a disciplina e o respeito,

bem como o diálogo constante acerca dos problemas surgidos no ambiente escolar.

Ressaltam também que a escola é importante na educação dos adolescentes, servindo como fator primordial de aprendizagem e educação.

Relatam, ainda, que ocorrem brigas no cotidiano da escola. Evidenciam o hábito de crianças e adolescentes carregarem objetos pontiagudos e cortantes, chegando a levá-los para o ambiente escolar, fato que requer intervenção constante da direção da escola, no sentido de evitar agressões físicas entre os alunos.

Acentuam também que o ambiente da escola, assim como as atividades externas programadas (brincadeiras, passeios, diálogos no intervalo das atividades acadêmicas) contribuem positivamente para o rendimento acadêmico dos alunos e sua sociabilidade.

Apontam para a necessidade de adequação dos alunos às normas de disciplina, salientando que o aprendizado de normas é importante para a prevenção de violência. Recomendam que haja notificações mais constantes para os pais, em caso de desobediência.

Valorizam as escolas e se esforçam por procurar saber a qualidade do ensino que é oferecido, antes de matricularem seus filhos. Apontam para a dificuldade de se conseguir vagas na escola escolhida.

Retratam a convivência familiar e apontam a necessidade de aceitação dos costumes e regras familiares como forma de adaptação. Ressaltam que, mesmo submetidos a castigos e humilhações verbais emanadas dos familiares responsáveis optam por continuarem ligados a eles do ponto de vista emocional e econômico.

Evidenciam, ainda, o momento de diálogo entre pais e filhos, uma vez que, neste espaço, torna-se possível a conscientização destes, prevenindo-os de possíveis situações de perigo. Eles também apontam para a importância da continuidade do vínculo entre o casal e entre os pais, como possibilidade de suporte econômico e cultural, bem como para a estabilidade familiar.

Ressaltam a importância do relacionamento familiar e do trabalho para a vida dos adolescentes e adultos. Essa classe ressalta pelo discurso de seus sujeitos, a importância da família e a convivência harmônica entre os membros familiares, como forma de melhoria das condições para o trabalho.

Acentuam, ainda, que o estudo é a ferramenta fundamental para quem almeja conseguir conquistas no campo profissional. Apontam para a satisfação que os responsáveis experimentam ao ver o rendimento estudantil dos filhos. Focalizam também que o trabalho é significativo para o amadurecimento dos adolescentes. Alguns sujeitos relatam que o trabalho vem associado ao sofrimento. Caso não haja sofrimento, não se consegue atingir as metas.

Apontam as influências sociais, exercidas pelas amizades de outros adolescentes, que incentivam à desobediência aos pais, os vícios, roubos e delinquência juvenil. Por outro lado ressaltam que algumas poucas amizades exercem influências positivas.

No tocante ao relacionamento do casal, relatam que é bom, poderia ser de melhor influência para os filhos, se houvesse possibilidades de minimizar os conflitos verbais.

Ressaltam que, em ambientes como instituições de ensino, é importante a existência de momentos para meditações, inclusive momentos de atividades

religiosas com a participação dos adolescentes, possibilitando maior equilíbrio aos jovens.

Colocam em relevo a educação dos filhos adolescentes e ressaltam a importância da obediência e da imposição de limites. Apontam a necessidade de atenção constante às alterações psico-corporais que vão surgindo com o avançar da idade.

Afirmam que enfrentam dificuldades na criação dos netos, especialmente quando estes não obedecem às regras familiares. Ressaltam, ainda, que os pais não devem bater nos filhos, apenas educar. Repudiam as situações em que os pais machucam as crianças.

Mostram-se disponíveis às perguntas dos filhos e consideram possível o diálogo entre os familiares. Ressaltam que as conversas devem ser atuais e amplas, abordando todos os assuntos. Salientam os benefícios das brincadeiras, como forma de integração com os filhos.

1º Nível: O campo comum das representações sociais sobre a violência doméstica das famílias de adolescentes acompanhados pelo Conselho Tutelar da região norte da cidade de Goiânia

Os sujeitos apresentam um discurso diretamente ligado à interferência das situações de trabalho na vida das famílias. Ressaltam que os adolescentes só querem ficar desocupados e sem colaborar nos afazeres domésticos. A preocupação com esse comportamento dos filhos é constante. Destacam a dificuldade de locomoção para chegar ao local de trabalho, tendo que sair da residência muito cedo e cumprir uma longa jornada de trabalho.

Em relação ao cuidado das crianças que ficam em casa, ressaltam a ajuda constante dos vizinhos. Ressaltam, igualmente, a importância das creches para o apoio na socialização e educação dos filhos. Há, por parte dos responsáveis pelos adolescentes, uma preocupação com a moradia.

A dificuldade em conseguir trabalho fixo leva as pessoas a se mudarem continuamente. Afirmam que a residência atual não é devidamente registrada, pois é resultado de invasão de lotes públicos, e a construção da casa é feita gradualmente, com a ajuda de terceiros e de familiares.

Ressaltam a dificuldade de cuidar da família, inclusive de crianças órfãs, e de manter o orçamento, com a ausência de familiares assassinados, repercutindo negativamente na saúde física dos familiares da vítima. Relatam também que, na fase escolar, não puderam estudar, pois tinham que colaborar no trabalho dos pais (agricultores).

Ressaltam a situação de violência sexual contra crianças e a situação de homossexualidade feminina. Apontam as situações de roubos de objetos e dinheiro por parte dos adolescentes. Retratam a necessidade de atenção e cuidados diários que devem ser dispensados aos adolescentes, como forma de prevenção da delinquência. O risco de violência física, levando ao óbito, é evidenciado pelos responsáveis pelos adolescentes, que consideram essa possibilidade com alta probabilidade de ocorrência no dia-a-dia dos adolescentes. Ressaltam a violência sexual praticada por adolescentes bem como a homossexualidade feminina.

Os sujeitos retratam a perda dos direitos de cidadania, manifestado através de prisão, mentira, chantagem, agressões físicas a crianças e

mulheres, bem como ameaças de morte. Ressaltam a forma como os filhos reagem às normas educativas, não as considerando importantes, reagindo de forma contrária, ou ignorando-as. Retratam o incentivo à educação com violência, por parte de um dos responsáveis. O comportamento de um dos pais de denunciar a desobediência do adolescente serve como estímulo à prática da violência física por parte do agressor. Os sujeitos ressaltam, em alguns momentos, a omissão de um dos responsáveis, o qual prefere sair do local em que está ocorrendo a violência física ou psicológica contra os adolescentes.

Os sujeitos descrevem as influências sociais, sobre a vida do adolescente, tais como: amizade, amor e religiosidade, violência, costumes e criação, como mediadores na prevenção de violência. Ressaltam a existência do amor no dia-a-dia do adolescente, apontando que a prática de relações afetivas pode contribuir para melhor adaptação ao meio social e, conseqüentemente, para diminuir a predisposição de práticas de atos de violência.

Colocam em relevo a destruição da sociedade, provocada pelo comportamento das pessoas que residem no bairro. Ressaltam, também, a existência de violência de adultos contra adolescentes. Alegam que a violência pode ser perpetuada ao longo das gerações. Apontam o sentimento de posse que os adultos demonstram com relação aos adolescentes, o que repercute no atrito entre os grupos de pais e os de adolescentes.

Retratam a influência da religiosidade na vida dos adolescentes e ressaltam a forma como a religião interfere na violência do bairro. Destacam a influência das amizades no dia-a-dia dos adolescentes, com relação ao aprendizado dos vícios, à possibilidade de práticas profissionais ilegais e acesso ao ambiente da "rua". Ressalta que existe a violência entre os adolescentes e dos policiais contra os adolescentes. Tanto os adultos, parentes e vizinhos, quanto os policiais, praticam a violência.

A necessidade de trabalhos que auxiliem os adolescentes a melhorarem sua auto-estima, são evidenciados por essa classe. Ao apontarem a necessidade da integração do adolescente ao meio, citam como alternativa, o lazer, ao mesmo tempo em que o colocam como uma possibilidade de difícil alcance, em virtude das necessidades de subsistência familiar. A influência exercida pela mídia - em especial a televisionada - é considerada pelos sujeitos dessa classe como fator de interferência significativa na educação dos filhos adolescentes incentivando-os à prática de atos de violência e rebeldia.

Ressaltam a educação dos filhos, reforçando a necessidade de utilização da violência física para a educação de crianças e adolescentes. O castigo é visto como necessário, contribuindo para incentivar a obediência, a atenção e impor limites e ordem. A experiência de brincadeira é apontada como um fator necessário ao desenvolvimento das crianças e contribui para a educação dos filhos.

Para eles a educação dos filhos refere-se também à forma adequada de repassar os hábitos de vida social, escolar e familiar. A necessidade de carinho e dedicação é apontada como recurso auxiliar a educação dos filhos, favorecendo o diálogo e o nível de respeito pelos familiares responsáveis.

A necessidade de compreender as dificuldades e situações de conflito dos adolescentes é ressaltada pelos responsáveis, que consideram a compreensão como importante e fundamental no dia-a-dia das famílias.

É ressaltada a expectativa dos responsáveis no que diz respeito à

existência de um órgão público, ou de pessoas que possam proteger os filhos adolescentes pelos responsáveis, o que evidencia a dificuldade que os pais encontram em educá-los. A dificuldade de atuação por parte das instituições de assistência hospitalar e do aparelho policial é explicitada pelos sujeitos dessa classe.

Relatam as mudanças que estão ocorrendo na escola, principalmente com relação ao comportamento dos adolescentes, a influência das drogas e o conflito entre grupos de adolescentes. Eles expressam a violência que ocorre principalmente no âmbito escolar, correlacionando-a a ação do professor e à intervenção na escola, para eles a escola favorece a prevenção da violência em alguns casos, e em outros já não resolve, pois depende da vontade dos alunos. Apontam para a influência da mídia televisionada, que incentiva o comportamento de violência na escola, por parte dos adolescentes. Ressaltam a atuação das instituições, pontuando que estas têm trazido auxílio à comunidade e que não tem tantas falhas. Eles se referem ao cotidiano da escola e retratam a violência no ambiente escolar. Salientam a influência positiva que a escola exerce na prevenção da violência, bem como a influência das drogas e da violência nos grupos de adolescentes.

2º Nível: Diferenciações grupais - posição dos grupos em relação às representações sociais

No Grupo 1 (Escola Pública), os resultados parecem indicar que o discurso dos pais está voltado para as condições de trabalho e violência e educação dos filhos adolescentes. No caso dos pais, esse problema é agravado pelas condições de trabalho, que dificultam o acompanhamento dos filhos e também pelas más influências, advindas da sociedade. Os pais vão centrar o problema da violência na própria adolescência, como se fosse um problema de geração.

Os resultados parecem indicar que o discurso masculino se caracteriza por ser mais social, mais público, voltado para as condições de vida e formas de violência no bairro, enquanto o discurso feminino caracteriza-se por ver a violência como inerente à sociedade, presente no cotidiano, da família e ligada aos problemas de convivência.

No Grupo 2 (Conselho Tutelar), de um lado agrupam-se as classes Religião e prevenção de Violência, da Educação de filhos e Violência doméstica, associada à variável: masculino. De outro lado agrupam-se as classes da Delinquência juvenil, Condições de vida e trabalho e Interferência da escola na família, associadas à variável: feminino.

Os resultados parecem indicar que o discurso masculino se caracteriza por considerar a violência como natural. Para educar faz-se necessário utilizar a violência. O problema está na falta de religião. Os adolescentes se afastam da religião e entram na violência. A violência é banalizada.

O discurso feminino caracteriza-se por associar a violência às condições de vida precária. A violência está associada às dificuldades de educar os filhos devido à delinquência.

Nos dois grupos, da escolha pública e do Conselho Tutelar, a escolaridade é de difícil interpretação. Parece estar superposta, ora ao parentesco, ora ao gênero.

Os sujeitos do Grupo 2 – Conselho Tutelar, apresentam duas diferenças em relação ao Grupo 1 – da escola pública: os homens, que acreditam ser a religião um modo eficaz de prevenir a violência, acusam o mundo de não ter religião. As mulheres percebem a delinquência como causa de violência na adolescência. As famílias desse grupo estão mais em contato com a delinquência. Parece existir nos dois grupos um efeito de gênero. Os sujeitos femininos percebem a violência de forma diferente.

No grupo da escola pública a violência é vista como um fenômeno social e a dificuldade de cuidar dos filhos é uma das causas que incentivam a entrada do adolescente na violência.

Já no grupo do Conselho Tutelar, os sujeitos femininos vêm a delinquência com causa da violência na adolescência.

No tocante à forma como representam a escola, existem algumas diferenças. No grupo da escola pública, a escola aparece como positiva e no grupo do Conselho Tutelar a escola aparece como invasiva, cobrando os pais uma educação continuada, que considere e acompanhe os interesses e necessidades das crianças e adolescentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se iniciar esse estudo, presumia-se a suposição que a violência doméstica fosse um fenômeno banalizado em famílias de adolescentes. Tal suposição surgiu devido ao fato de que as famílias fazem parte de uma cultura em que a violência é considerada como uma maneira legítima de solução de conflitos entre pessoas ou grupos. A violência está enraizada nos costumes, na cultura, no dia a dia das pessoas. Os resultados desta pesquisa, realizada junto às famílias dos adolescentes de Goiânia, embora não permitam generalização, por se tratar de uma realidade específica, trouxeram informações de grande utilidade em relação à forma como as famílias concebem a violência. Os resultados permitem afirmar que a violência tem sido banalizada, do mesmo modo como a sociedade tende a naturalizá-la.

A violência entre adolescentes aparece de forma banalizada e acontece por motivos fúteis: conflito de opiniões, torcida por times de futebol diferentes, vínculo a grupos sociais diferentes, comentários ligados à roupa e ou acessórios e disputas para provar quem é o mais forte.

Na opinião dos sujeitos, a população de maior risco de violência, inclusive com probabilidade de morte, são os adolescentes. A representação dos pais e parentes no tocante à adolescência está vinculada à situação de fragilidade, riscos de morte, constante perigo. O perigo de morte e de uso de drogas e seu tráfico é constante no ambiente da casa, da calçada, do bairro e na sociedade de modo geral.

Os pais e avós, do Grupo 2, defendem o uso da violência doméstica como método educativo. Alegam que as agressões, isolamento, castigos, reprimendas e discussões entre pais e filhos são necessários ao processo educativo. Os adolescentes, irmãos dos sujeitos ressaltam que, caso seja necessário, pode - se recorrer ao uso da violência como auxiliar ao método educativo de crianças. Alguns deles se utilizam de tapas, surras, agressões verbais para impor a ordem e o respeito perante os irmãos menores.

Os sujeitos apontam para a existência da violência na sociedade: assassinatos de crianças, adolescentes e adultos. A morte surge,

inesperadamente, no cotidiano, sem qualquer motivo aparente. Os sujeitos convivem com a ameaça de morte, em qualquer lugar e a qualquer momento, mesmo dentro de suas casas. O espaço das residências é constantemente invadido por bandidos. Segundo os sujeitos, alguns vizinhos ficam observando o movimento dentro das residências, esperando ocasiões para roubar, ou causar danos às pessoas.

A droga aparece como causa de roubos, danos psicológicos, conflitos familiares, violência física entre adolescentes, violência entre adolescentes e familiares e ou estranhos provenientes de outros grupos sociais. Os sujeitos dizem que as más condições de trabalho impedem a melhor educação e acompanhamento dos filhos; e isto favorece a violência.

Para os sujeitos do Grupo 1, os professores são vítimas de violência dos alunos, que se manifesta através de agressões verbais e conflitos por poder dentro da sala de aula e nos pátios. A violência do professor contra os alunos é naturalizada: castigos, repreensões, isolamento, praticados pelos professores, são vistos como úteis ao processo educativo.

Já os sujeitos do Grupo 2, ressaltam a violência na escola, com a presença de alunos que entram no espaço escolar para comercializar drogas, depredar o prédio e roubar. Os professores são constantemente vítimas de agressão física e verbal e ameaças de morte, praticada por alunos matriculados na escola e grupos que freqüentam a escola, com o objetivo de comercializar drogas. A violência do professor contra o aluno, repreensões, castigos, humilhações e isolamento em secretaria e diretoria, são vistos pela maioria dos responsáveis como um método educativo necessário, que contribui para a disciplina e o controle da desobediência dos adolescentes, incentivando-os a estudar e tornar assíduos à escola.

O trabalho do professor é visto com restrições. Alguns responsáveis não aprovam a forma como os adolescentes são tratados pelos professores, alegam inclusive que os professores não estão bem preparados para educar.

Os outros sujeitos ressaltam que a escola e o professor são as possibilidades que os adolescentes têm de aprimoramento e engrandecimento na vida. Os pais sentem-se responsáveis pela educação dos filhos, mas vêem como importante o papel da escola. Afirmam ter dificuldades para educar os filhos em virtude das más condições de vida. Percebe-se portanto, que alguns sujeitos propugnam pela continuidade dos estudos dos adolescentes enquanto outros já desistiram de incentivar os filhos a continuarem estudando, embora acreditem que os estudos são uma forma de prevenção de violência.

A violência na escola é ressaltada, com a presença de alunos que entram no espaço escolar para atrapalhar as aulas, implicar os professores, provocar brigas na escola, comercializar drogas, depredar o prédio e roubar os objetos e aparelhos elétricos e eletrônicos.

Através disso, podemos afirmar que o Grupo 1 ainda mantém a visão da escola como um local de aprendizado e segurança para seus filhos; a diretora da instituição é tida como uma figura de autoridade, que utiliza de diálogos e explicações sobre o comportamento necessário na escola, e recorre aos pais em caso de necessidade de incentivo à disciplina dos adolescentes; enquanto que no Grupo 2, a visão da escola é associada à um espaço de aprendizagem, mas também de conflito, perigo, risco e dificuldades de manutenção da disciplina, da ordem, do respeito e da camaradagem entre alunos e professores.

Para os sujeitos do Grupo 2, a utilização de posturas mais rígidas e o emprego de violência física e verbal, castigos, expulsão, isolamento, interferência policial na escola, maior segurança quanto a portas, portões, cercas e muros, poderão contribuir para o controle da disciplina dos alunos. Alguns sujeitos acreditam que a interferência do Conselho Tutelar é necessária e auxilia os professores na condução dos trabalhos acadêmicos, uma vez que oferece informações sobre a vida que o adolescente poderá encontrar fora do ambiente da escola, nas ruas (onde existe maior risco, conflitos, contato com a droga, sofrimento e morte). Esse estudo, revelou que os jovens, estão mais expostos às situações de risco, pois freqüentam locais movimentados, tumultuados e povoados por gangues como: bares, discotecas, bailes shows.

No presente estudo, os sujeitos revelam que as mulheres e as crianças são as maiores vítimas de violência doméstica e social, seguidas pelos adolescentes e pelas pessoas idosas, confirmando os dados da pesquisa de MAGAGNIN (1999). Os agressores são, na maioria das vezes os pais e maridos por disputa de poder, conflitos interpessoais, alcoolismo e ciúme, no caso das filhas e esposas; posse, alcoolismo, imposição do poder e hábito de educar com castigos corporais e verbais, no caso dos adolescentes (violência doméstica).

Os sujeitos responsáveis e os irmãos dos adolescentes, na sua grande maioria, parecem associar diretamente o uso de drogas e o comportamento de violência, confirmando os resultados de MAGAGNIN (1999) e de OLIVEIRA (2002).

Nessa pesquisa, alguns dos sujeitos responsáveis pelos adolescentes reconhecem a violência na escola praticada pelo professor contra os alunos, bem como a violência praticada pelo aluno contra o professor. Para esses sujeitos, a educação escolar pode ser permeada por comportamentos de violência verbal: gritos, humilhações como também por castigos físicos: isolamento corporal, ficar de joelhos, praticados pelo professor contra os adolescentes.

Outros sujeitos se manifestam contra a violência do professor contra o adolescente, alegando que ela é prejudicial ao processo educativo, não devendo ocorrer no ambiente escolar. Para estes, os professores necessitam de melhor preparo inclusive para colaborar no processo educativo dos adolescentes.

Os dados revelam que os adolescentes reconhecem a violência entre as práticas cotidianas na escola, e como atos de violência todas as agressões físicas e verbais que acontecem dentro e fora do contexto da escola. A violência do professor contra o aluno expressa através de ameaças e humilhações, é percebida com menos freqüência do que a do aluno contra o professor. A violência na escola é ressaltada pelos responsáveis pelos adolescentes, que confirmam a existência da violência entre professores e alunos, pois os alunos procuram chamar a atenção e dominar o ambiente, necessitando a intervenção dos coordenadores da escola. Os coordenadores eventualmente solicitam o comparecimento dos responsáveis à escola, para colaborarem com a disciplina e com o processo de aprendizagem do adolescente.

No Grupo 1 reconhecem na escola a presença de alunos que têm dificuldades de adaptação social, ocasionando conflitos interpessoais e desrespeitando as normas da escola. Já os sujeitos do Grupo 2 reconhecem a

presença de grupos estranhos na escola que comparecem, ocasionalmente, influenciando os outros alunos à prática de depredação do prédio escolar, roubo, tráfico de drogas e violência neste local.

Nesse estudo constatou-se a banalização da violência, uma vez que o motivo para a prática desta, não a justifica. A representação social de violência doméstica, segundo os sujeitos, está associada ao abuso sexual de crianças e adolescentes. Os idosos, adultos e adolescentes dessa pesquisa alegam ser esse tipo de violência a mais cruel, por não permitir à vítima denunciar o fato, em virtude das ameaças verbais e físicas feitas pelo (a) agressor (a). Tais dados confirmam os resultados de LABRIN (1998).

Constata-se que a violência revela práticas violentas e banalização, os sujeitos salientam a necessidade de que as relações interpessoais, entre a comunidade e os funcionários dos órgãos públicos, sejam redimensionadas, atentando para o conhecimento dos hábitos de comunicação e de relações sociais das pessoas que vivem em situações de risco, colaborando para o esclarecimento e apoio aos adolescentes.

Este trabalho aponta para a necessidade de estudos posteriores sobre a representação social que as pessoas em situação de risco têm dos funcionários públicos. Os sujeitos revelam conhecer de forma superficial o Estatuto da Criança e Adolescente, encontrando dificuldades para o cumprimento da LEI do ECA (1995).

Os estudos de SAFFIOTI (1988) sobre a imposição de poder do agressor sobre o agredido, afirmam a existência, nos casos de violência doméstica, do poder do agressor sobre os adolescentes agredidos. Fazem-se necessários estudos posteriores sobre a relação entre a banalização da violência na sociedade e a banalização da violência doméstica.

A divulgação de estudos sobre causas da violência - formas de prevenção e acompanhamento, tratamento de pessoas que praticam a violência, formas de monitoramento, de punição dos comportamentos de violência, bem como o acompanhamento dos envolvidos, poderá contribuir para a percepção de que o fenômeno da violência deve fazer parte do interesse de toda a sociedade, que poderá ser motivada a prevenir a violência e apoiar e acompanhar as pessoas agredidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W., & HORKHEIMER, M., **Temas básicos de sociologia**. São Paulo: Cultrix, 1978.

ALMEIDA, A. O., RIBEIRO, A. S. M., & CAMPOS, P. H. F., **Bem-estar, maus tratos e risco: da violência suposta à violência reconhecida**. Estudos - Vida e Saúde. v. 28, n. 4, pp. 561-590. Goiânia: UCG, 2001.

AZEVEDO, M. A.,. **Notas para uma teoria crítica da violência familiar contra crianças e adolescentes** In M. A. Azevedo, & V. N. de. A. Guerra, Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento. São Paulo: Cortez, 1993.

CAMPOS, P. H. F., **Algumas reflexões acerca da violência contra crianças e adolescentes**. In A. M. O. Almeida, & L. H. C. Pulino (orgs.), Projeto Bem-Quer, (pp. 31–46). Brasília: UNB, 2000.

DEJOURS, CRISTOPHE, **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro. FGV, 2001.

ECA/DF.**Estatuto da criança e adolescente**. Brasília: Gráfica do Senado, 1995.

FALEIROS, V. de P., "**A Fabricação do Menor**". In Humanidades (12): 5-15, Brasília: UnB, 1987.

IMACH, S. C.,*Niños maltratados: análisis de los aspectos cognitivos através del WISC III*. Ridep, n. 1, pp. 53-63, 1999.

LABRÍN, J. B., **El Dolor invisible de la infancia** : una lectura ecosistémica del maltrato infantil. Barcelona: Piados, 1998.

LIZO, C. V. L. P., **Erros e negligencia dos pais em relação aos cuidados de saúde do filho**. In M. H. F. Steiner (org.), Quando a criança não tem vez. Violência e desamor. São Paulo: Livraria Pioneira. Série cadernos e educação, 1986.

LUCINDA, M. da C., NASCIMENTO, M.das G., & CANDAU, V. M., **Escola e Violência**. Rio de Janeiro: DP & A, 1999.

MAGAGNIN A. T., **A construção do significado da adolescência pelos adolescentes de Brasília**. Dissertação de mestrado. Brasília: UNB, 1999.

OLIVEIRA, J. P., **A representação social da violência**. Dissertação de Mestrado. Goiânia: UCG, 2002.

RIBEIRO, A. S. M., **ALCESTE: Análise quantitativa de dados textuais**. Apostila Universidade de Brasília, 2000.

RODRIGUES, A. A., & Carvalho, D. B. B. , **A violência doméstica contra crianças e adolescentes: análise do fenômeno no Distrito Federal**. In Ser Social 2, 57-84, 1998.

SAFFIOTI, H. I. B., **A síndrome do pequeno poder**. In M. A. Azevedo, & V. N. A. Guerra (orgs.), Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder. São Paulo: Iglup1,1988.

VELHO, G., **Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica**. In VELHO ,G., & ALVITO, M., Cidadania e Violência (pp. 10-23). Rio de Janeiro: FGV.1996.

